



Gravura 1 - Carta da China de Luís Jorge de Narbuda, 1ª edição: Antuérpia – 1584.

# Primórdios da Sinologia Europeia entre Macau e Manila em Finais do Século XVI

RUI MANUEL LOUREIRO\*

Quando os portugueses partiram para a Índia em 1497, não dispunham de quaisquer informações acerca da China, pois esta potência asiática era então perfeitamente desconhecida na Europa e não era possível obter sobre ela quaisquer dados fidedignos e actualizados. Quanto muito, os portugueses mais cultos e mais curiosos poderiam ter ouvido falar do Cataio, que tinha sido revelado aos europeus dos séculos XIII e XIV pelos grandes viajantes medievais. Mas o paradigmático relato do veneziano Marco Polo sobre o fabuloso império oriental do Grande Khan tinha-se tornado irremediavelmente anacrónico na época em que Vasco da Gama ancorou ao largo de Calicute.<sup>1</sup> Nas décadas seguintes, os navegadores portugueses, e depois também os espanhóis, iriam ser os grandes responsáveis pelos primeiros contactos com a China, pela descoberta da civilização chinesa e pela constituição de um vasto corpo de notícias que configuram aquilo a que poderíamos chamar de proto-sinologia. Os observadores ibéricos, entretanto, acabariam por ir um pouco mais além da mera recolha de elementos superficiais sobre a realidade chinesa, ensaiando tentativas bem conseguidas de decodificação da língua e da cultura chinesas.

A primeira referência escrita à China em fontes europeias modernas surge em 1502, numa legenda do chamado *Planisfério de Cantino* colocada junto a Malaca, na qual se referem as principais mercadorias chinesas que regularmente afluam àquele importante entreposto do comércio asiático. A primeira imagem que os portugueses recolhem e divulgam da China é, pois, a de um mercado deveras atraente, situado nos mais longínquos confins asiáticos, onde brilha a miragem de proveitosos negócios. Os primeiros encontros com chineses, ocorridos precisamente

naquela cidade malaia em 1509 e 1511, confirmaram esta impressão inicial, logo contribuindo para atrair os portugueses ao litoral chinês. Com efeito, em 1513, apenas dois anos depois da conquista de Malaca pelos portugueses, já Jorge Álvares visitava a ilha de Tamão, na embocadura do rio das Pérolas. As relações luso-chinesas, a partir de então, não mais se interromperiam.<sup>2</sup>

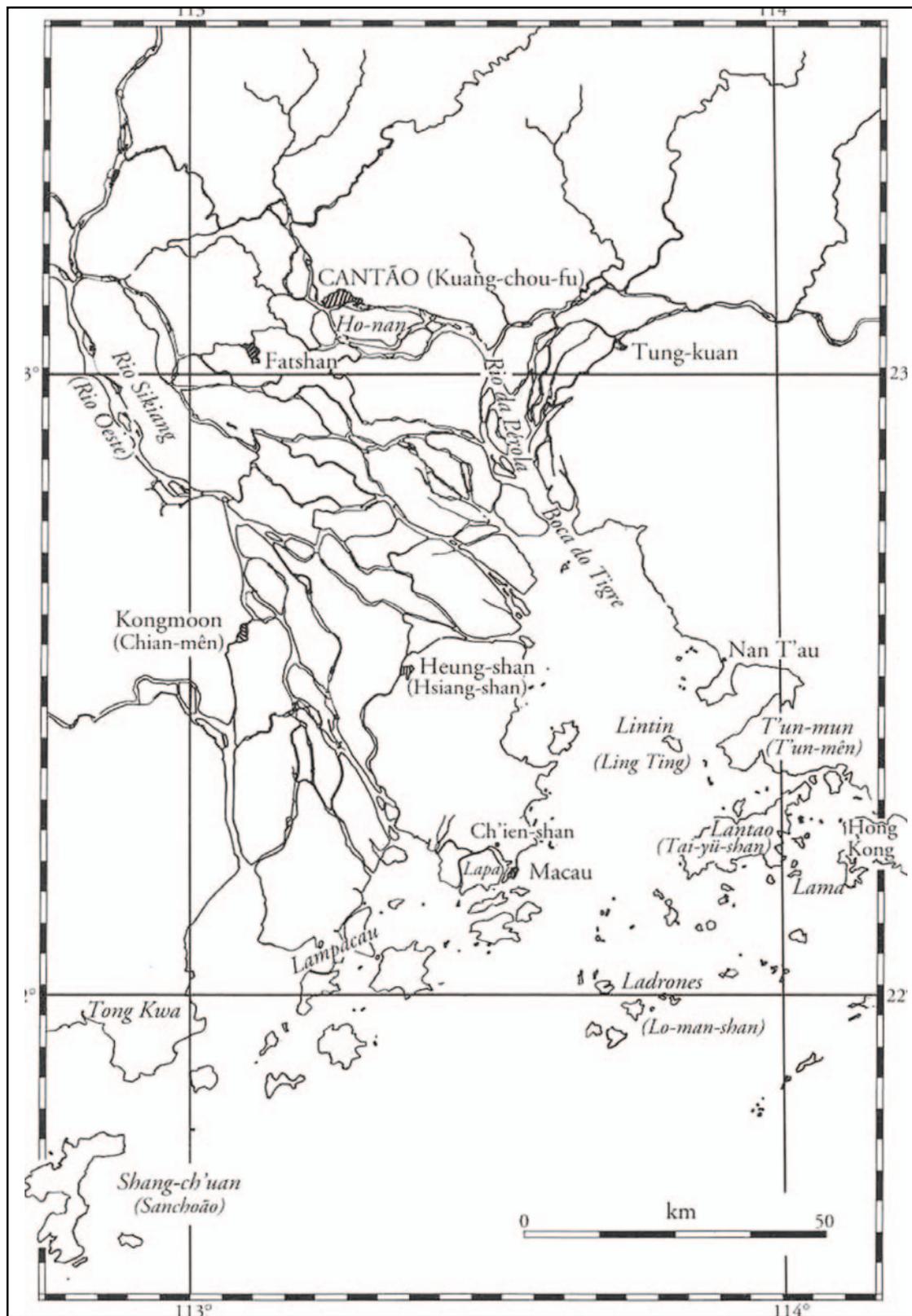
A *Suma Oriental* de Tomé Pires, concluída na Índia em 1515, apresentava um balanço das notícias que até então tinham sido recolhidas a respeito da China, revelando que, no curtíssimo espaço de quinze anos, os portugueses tinham revolucionado totalmente as noções europeias de geografia do Extremo Oriente, área que começava a ganhar contornos cada vez mais definidos.<sup>3</sup> Os dados recolhidos nos primeiros tempos, contudo, eram quase sempre de natureza pragmática, destinados à utilização imediata de navegadores, comerciantes e estrategas, que pretendiam conhecer as potencialidades da China nos respectivos campos de actuação. Mas a grande expedição de Fernão Peres de Andrade a Cantão, em 1517-1518, permitiria aos portugueses um significativo aprofundamento dos seus conhecimentos a respeito da China. E a partir desse momento começa-se a formar em Portugal uma imagem extremamente positiva daquele império, que surge aos olhos dos portugueses como uma das maiores potências asiáticas, capaz de rivalizar com a Europa em numerosos aspectos, nomeadamente nos domínios da civilidade (ou da 'polícia', como então se dizia), do centralismo político, da justiça social, da prosperidade económica, da densidade populacional, da organização administrativa, etc.<sup>4</sup>

Após um curto período de confrontos que se seguiu ao fracasso da embaixada de Tomé Pires a Pequim, em 1517-1521, as relações luso-chinesas vão-se normalizando pouco a pouco, à medida que os portugueses se vão impondo como parceiros essenciais nos lucrativos negócios que tinham lugar no litoral meridional da China. A perspectiva dominante nesta aproximação, entretanto, continuava a ser redutível aos interesses de ordem económica, que se desenvolviam

\*Doutorado em História pela Universidade de Lisboa, é professor convidado da Universidade de Macau e investigador do Centro Português de Estudos do Sudoeste Asiático (Lisboa). Actualmente, é bolseiro da Fundação Oriente.

Ph.D. from the Faculty of Arts at the University of Lisbon. Visiting professor at the University of Macau and researcher at the Centro Português de Estudos do Sudoeste Asiático [Portuguese Centre for Southeast Asia Studies] (Lisbon). Currently holds a scholarship from the Fundação Oriente.

ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia



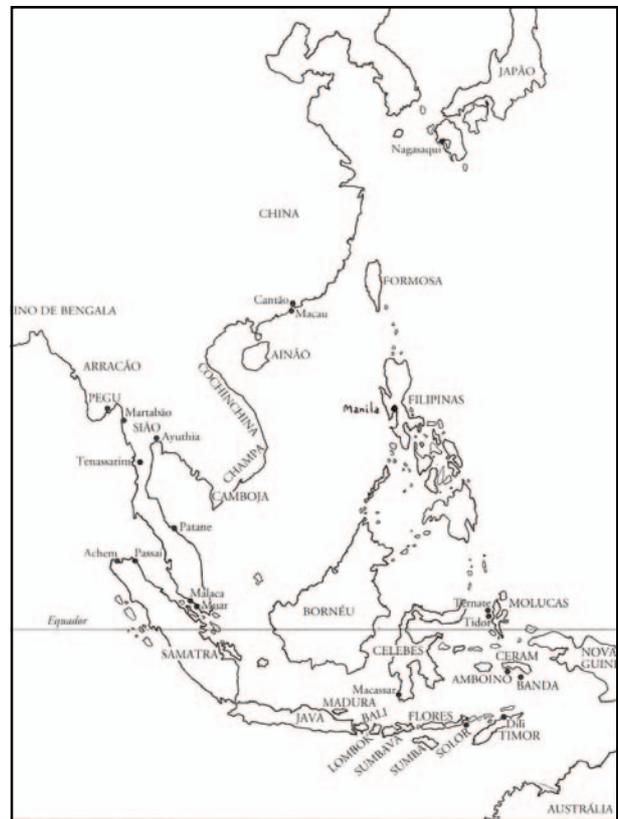
Mapa 1 - Macau e a embocadura do Rio das Pérolas.

## CULTURAL ENCOUNTER / Sinology

com o auxílio de intermediários chineses. Mas o contacto regular dos portugueses com a China, entre 1525 e 1550, embora não gerasse de imediato a produção de conhecimentos propriamente sinológicos, acabaria por dar origem a uma recolha cada vez mais sistemática e abrangente de notícias sobre a realidade chinesa. Homens como Manuel de Chaves, Galiete Pereira e Amaro Pereira escreveram então detalhadas relações vivenciais sobre os mais variados aspectos do mundo sínico, muito embora sem conhecimentos significativos de língua chinesa.<sup>5</sup>

Entretanto, na sequência do primeiro contacto dos portugueses com o Japão em 1543, um complexo conjunto de circunstâncias levou-os a demandarem a embocadura do rio das Pérolas, onde acabariam por se fixar duradoramente a partir de 1557, com o beneplácito das autoridades do Guangdong.<sup>6</sup> Maiores contactos com a China, obviamente, implicaram uma mais intensa recolha de notícias, que cedo começará a ter consequências importantes. Sobretudo por intervenção de religiosos da Companhia de Jesus, que por estes anos estavam a seguir as rotas anteriormente reconhecidas pelos mercadores portugueses, avaliando as perspectivas que se poderiam abrir à missionação católica na Ásia oriental. Os jesuítas, com efeito, logo após a sua chegada ao Oriente, tinham introduzido uma fortíssima dimensão cultural na dinâmica de recolha de notícias sobre a realidade chinesa, dando origem a relatórios bastante mais abrangentes e exaustivos do que aqueles que tinham sido produzidos até então.<sup>7</sup> Valerá a pena lembrar, em contexto sinológico, que o padre Francisco Xavier, segundo as fontes jesuítas, em 1551 preparou um catecismo em chinês durante o regresso da expedição que efectuou ao arquipélago nipónico, para utilizar mais tarde, quando concretizasse uma projectada viagem ao Celeste Império. Contudo, embora o padre afirmasse que esta obra fora escrita em “letra de la Chyna” pelos seus colaboradores japoneses, o catecismo deveria ter sido redigido em transcrição fonética de algum dialecto chinês, talvez o cantonense, pois de outra maneira não teria qualquer utilidade prática para o missionário.<sup>8</sup>

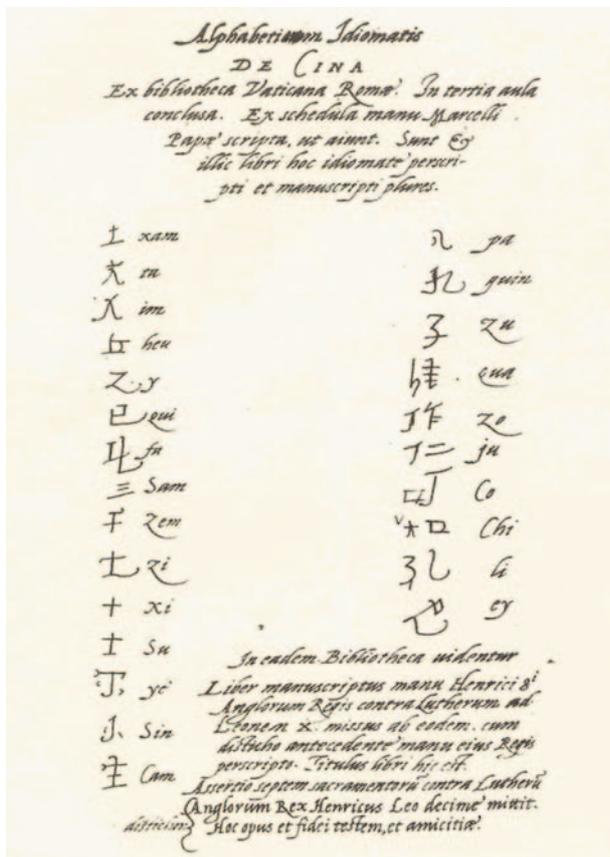
Ao que parece, Vasco Calvo, um dos ‘cativos de Cantão’, terá sido o único português que na primeira metade do século XVI obteve alguma fluência numa das variantes do chinês, pois em 1536 afirmava saber ler e escrever “a letra da terra”.<sup>9</sup> Calvo, entretanto, terá enviado para Portugal um livro chinês impresso, sobre



Mapa 2 - Macau e as Filipinas na Ásia Oriental.

geografia, o qual poderá ter chegado às mãos de João de Barros, o conhecido historiógrafo português.<sup>10</sup> E é neste intercâmbio, precisamente, que detectamos os primeiros indícios da formação de uma sinologia europeia. Porque as notícias enviadas regularmente do Oriente vão-se acumulando em Portugal e começam a ser sistematizadas por cronistas como Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros, que em obras publicadas a partir de 1551-1552 apresentam sínteses extremamente bem elaboradas sobre a China e os chineses.<sup>11</sup> Se Lopes de Castanheda, na sua *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, impressa em Coimbra a partir de 1551,<sup>12</sup> se limitava a tratar informações de origem portuguesa, já Barros recorria a materiais chineses, pois através dos seus contactos orientais tinha adquirido livros impressos em chinês, que procurava traduzir com o auxílio de um auxiliar chinês culto. A *Ásia - Década I*, publicada em Lisboa em 1552, fazia referências explícitas a “hum livro de cosmographia dos Chijs impresso per elles”.<sup>13</sup> O cronista português, entretanto, afirmava ter enviado ao humanista italiano Paolo Giovio um dos seus livros

## ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia



Gravura 2 - Alfabeto chinês de origem portuguesa.  
Manuscrito – c. 1555 / British Library.

chineses,<sup>14</sup> juntamente com um alegado ‘alfabeto’ chinês, que parece ser de inequívoca origem portuguesa e que constituiu certamente uma das primeiras tentativas de descodificação da língua sínica.<sup>15</sup> As informações sobre a China de origem portuguesa, assim, muito rapidamente eram difundidas por toda a Europa.

Poucos anos mais tarde, Gaspar da Cruz redigia o seu conhecido *Tratado das cousas da China*, publicado em Évora em 1570, que foi a primeira monografia expressamente dedicada a assuntos chineses a ser impressa na Europa. A obra do missionário dominicano sistematizava de forma brilhante todas as notícias de diversas origens que então estavam disponíveis nos meios ultramarinos portugueses, apresentando uma panorâmica extremamente bem informada dos mais variados aspectos da realidade chinesa. Para além dos materiais produzidos pelos seus compatriotas, frei Gaspar, para documentar a história do relacionamento luso-chinês, utilizara também documentos chineses



Gravura 3 - *Tratado das cousas da China* de Gaspar da Cruz.  
1ª edição: Évora – 1570.

traduzidos em português, que tinha conseguido obter durante uma breve visita a Cantão em 1556. Retomando algumas informações de origem jesuíta, complementadas pelas suas próprias observações, o missionário fornecia curiosíssimos dados sobre a vida cultural chinesa e nomeadamente sobre as características da escrita ideográfica (“tudo o que escrevem é por figuras”<sup>16</sup>) e a enorme difusão de que esta disfrutava entre numerosos povos da Ásia mais longínqua. Gaspar da Cruz, graças ao seu enciclopédico *Tratado*, que resultara de uma investigação diligente e desprovida de propósitos imediatamente utilitários, pode bem aspirar ao título de primeiro sinólogo português.

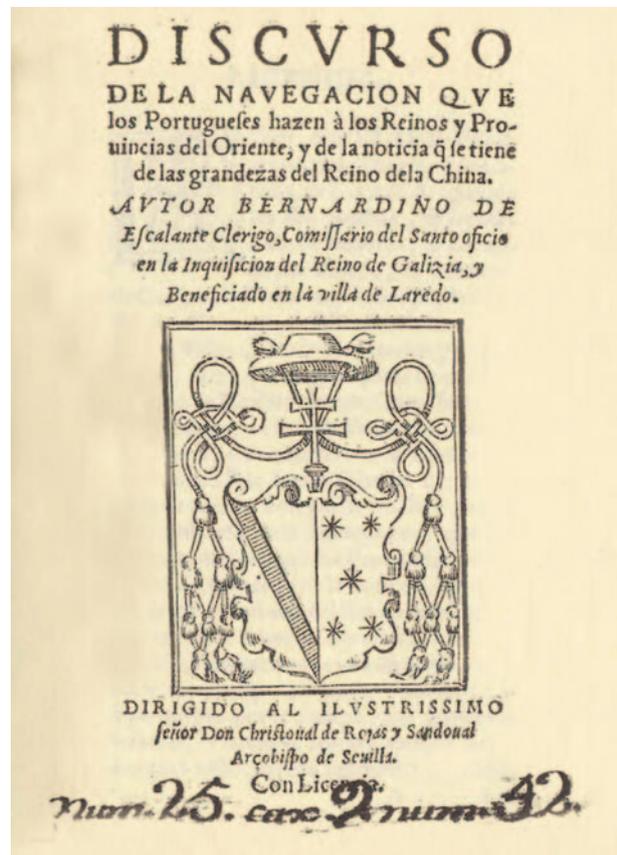
## REFLEXOS EM ESPANHA DO ESTABELECIMENTO DE MACAU

As notícias sobre o estabelecimento dos portugueses em Macau e sobre os proveitosos negócios

a que se dedicavam naquelas remotas paragens depressa chegaram a Espanha, desencadeando no reino vizinho uma conjuntura de enorme interesse pela Ásia oriental. Os espanhóis desde cedo tinham tentado obter uma base estratégica naquelas partes, mas, apesar de terem enviado com sucesso várias expedições até às Molucas a partir do Novo Mundo, acabavam sempre por cair nas mãos dos portugueses, pois ainda não tinham conseguido descobrir a rota de regresso, que lhes permitiria fundar um estabelecimento autónomo. Apenas em 1565 o piloto Andrés de Urdañeta estabeleceu pela primeira vez a ligação entre as Filipinas e o México, abrindo finalmente as portas do Oriente aos espanhóis.<sup>17</sup> Em escassa meia dúzia de anos, estes já controlavam o arquipélago das Filipinas, tendo fundado um sólido reduto em Manila. Entretanto, indícios documentais vários sugerem que os espanhóis, na realidade, procuravam uma base que lhes possibilitasse uma intervenção activa nos lucrativos tráficos com a China e o Japão que por esses anos faziam a fortuna dos portugueses.<sup>18</sup>

Com efeito, a rápida ocupação das Filipinas é acompanhada por insistentes esforços, da parte dos espanhóis, para a obtenção de notícias sobre a China. Um dos mais activos colecionadores de materiais foi D. Juan de Borja, embaixador de Espanha em Portugal, que por volta de 1575, entre outros materiais, recebeu um relatório do padre Gregório Gonzalez, que poucos anos antes participara na fundação de Macau,<sup>19</sup> e obteve um elaborado mapa da China preparado pelo cartógrafo português Luís Jorge de Barbuda.<sup>20</sup> Outro espanhol especialmente inquisitivo foi o clérigo Bernardino de Escalante, que durante uma visita a Lisboa, mais ou menos na mesma altura, adquiriu um exemplar do *Tratado das cousas da China*, entrevistou vários chineses e manuseou dois livros chineses impressos da colecção da Rainha D. Catarina.<sup>21</sup> De regresso a Sevilha, publicaria naquela cidade, em 1577, o seu *Discurso de la navegación de los Portugueses*, que era quase todo dedicado à China, sendo amplamente tributário do trabalho de Gaspar da Cruz. Para além das mais variadas referências a assuntos culturais, nas páginas desta obra figuravam dois ideogramas, que teriam sido desenhados por chineses residentes em Lisboa.<sup>22</sup>

Mas, entretanto, é a partir das Filipinas que os espanhóis dão decisivos passos na constituição de um importante cabedal sinológico. Com efeito, em 1575,



Gravura 4 - *Discurso de la navegación de los portugueses* de Bernardino de Escalante, 1ª edição: Sevilha – 1577.

o governador Guido de Lavezares despachara uma missão rumo ao litoral do Fujian, aproveitando os contactos disponibilizados pela importante comunidade de *sangleyes* de Manila.<sup>23</sup> Os espanhóis pretendiam formalizar as relações com a China, obter notícias detalhadas sobre aquele império e, eventualmente, conseguir autorização para a fundação de um entreposto em território chinês, análogo ao que os portugueses possuíam em Macau. Na prática, apenas o segundo objectivo foi alcançado, pois os enviados espanhóis conseguiram recolher amplas notícias sobre a realidade chinesa, pela primeira vez de forma vivencial, ao mesmo tempo que adquiriam um importante conjunto de pelo menos 28 livros chineses impressos, que foram trazido para Manila graças às diligências de Martín de Rada, um agostinho que anteriormente tinha desenvolvido trabalho missionário entre os *sangleyes*. Curiosamente, uma fonte mais ou menos coetânea apresenta uma relação detalhada dos títulos que compunham a primeira biblioteca chinesa

ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia



Gravura 5 - Casal de *sangleys* de Manila. Manuscrito de finais do século XVI que pertenceu a Charles R. Boxer.

adquirida por europeus, que pouco depois seria remetida para o México e daí para a Europa.<sup>24</sup> Trata-se de um conjunto verdadeiramente impressionante de obras, dedicadas aos mais variados temas e respeitantes às mais diversas disciplinas. Alguns destes livros chineses ainda hoje se conservam em bibliotecas espanholas, sobretudo no Escorial, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que se sabe que Filipe II nutria um especial gosto por este tipo de objectos exóticos.<sup>25</sup>

Martín de Rada, de regresso às Filipinas, logo providenciou para que porções significativas das obras que trouxera da China fossem rapidamente vertidas para espanhol, com o auxílio de tradutores recrutados em Manila. Ele próprio reconhece que fez largo uso destas traduções no manuscrito da sua *Relación verdadera de las cosas del reyno de Taibin* que preparou ainda em 1575, afirmando que às suas mãos tinham chegado “livros impressos de todas as ciências, incluindo astrologia e astronomia, fisiognomia, quiromancia, aritmética, leis, medicina, esgrima e jogos, assim como [livros] sobre divindades”.<sup>26</sup> Os seus estudos de língua chinesa permitiram-lhe concluir diversas obras nos dois anos seguintes. Por um lado, um *Bocabulário de llengua sangleya*, que se debruçava sobre a língua falada pela comunidade chinesa de Manila, que era maioritariamente originária do Fujian, e uma *Arte de la lengua chincheo*, igualmente dedicada ao principal dialecto da mesma província chinesa.<sup>27</sup> Por outro lado, vários manuais de carácter religioso, em chinês romanizado com traduções em espanhol, destinados à catequização dos chineses estabelecidos nas Filipinas.<sup>28</sup> Assim, Martín de Rada, que faleceu pouco depois durante uma expedição ao Bornéu, parece ter sido um dos principais responsáveis pelo efectivo lançamento da sinologia ibérica.

E isto mesmo de forma indirecta, pois os seus materiais manuscritos e a sua biblioteca chinesa seguiram para o México, onde em 1581 foram cuidadosamente compulsados por Juan González de Mendoza. Este religioso agostinho, que pouco depois seguia para Roma, publicaria em 1585, por expressa encomenda do Vaticano, uma *Historia del Gran Reino de la China*, a mais popular e mais sistemática relação das coisas chinesas impressa na Europa no século XVI, que no curto espaço de quinze anos conheceu nada menos de quarenta edições em diferentes línguas europeias.<sup>29</sup> O tratado do missionário espanhol, para além de sistematizar de forma muito competente os

anteriores relatos de homens como João de Barros, Gaspar da Cruz e Bernardino de Escalante, utilizava e amplificava os materiais produzidos por Rada, para além de recorrer às traduções dos livros chineses que este trouxera da sua viagem ao Fujian.<sup>30</sup> Durante muitos anos, a obra de González de Mendoza seria o grande manual europeu de introdução à realidade chinesa.

Assim, vemos que os primeiros estudos sinológicos que envolvem conhecimentos linguísticos relativamente aprofundados surgem nas Filipinas, e não

*O estabelecimento  
dos portugueses em Macau  
desencadeou em Espanha  
uma verdadeira corrida  
à Ásia Oriental,  
que culminará a breve prazo  
com a ocupação das Filipinas,  
entre 1565 e 1572,  
e com o desenvolvimento  
de importantes investigações  
de carácter sinológico  
por parte dos religiosos  
espanhóis, entre 1575  
e 1585.*

em Macau, ao contrário do que seria de esperar, pois era aí que os portugueses estavam estabelecidos desde 1557 e era aí que tinham contacto directo com língua chinesa e com as vias mais acessíveis para a sua decifração. E a primeira biblioteca de obras chinesas reunidas por europeus surge também nas Filipinas, por iniciativa de missionários agostinhos. O rápido desenvolvimento da sinologia filipina está intimamente relacionado com a missão da comunidade chinesa de Manila, pois os religiosos procuravam munir-se dos instrumentos linguísticos necessários para

## ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia



Gravura 6 - *Historia del Gran Reino de la China* de Juan González de Mendoza, 1ª edição: Roma – 1585.

desenvolverem cabalmente as suas funções evangelizadoras, embora nela existisse também uma componente mais prosaica, que se ligava aos interesses estratégicos dos espanhóis em relação ao comércio da China. Mas a sinologia que se desenvolve nas Filipinas está viciada à partida, uma vez que recorre de forma quase sistemática à variante linguística originária do Fujian e às respectivas transliterações espanholas. Assim, um manual ou um vocabulário preparado especificamente para os *sangleyes* filipinos não poderia ser usado no Guangdong, por exemplo, onde nenhum leitor chinês o poderia entender, mas apenas poderia ter alguma utilidade entre os chineses do litoral fujinense.

## O RAMO MACAENSE DA SINOLOGIA

Apesar destes precoces, mas algo limitados, avanços espanhóis no campo da sinologia, Macau em breve iria recuperar o tempo perdido, dando início a

um segundo andamento no processo de decifração da língua e da cultura chinesas. Não por influência das autoridades portuguesas locais, já que os fidalgos e os mercadores sediados na povoação podiam, sem quaisquer problemas, depender de intérpretes chineses ou luso-chineses para o normal funcionamento dos seus ‘negócios da China’. O intercâmbio mutuamente proveitoso de mercadorias, que tinha estado na origem de Macau e que contribuía decisivamente para o seu continuado crescimento, podia desenvolver-se com conhecimentos e competências de comunicação mínimos. Por isso mesmo, os portugueses, que já rondavam o litoral da China há mais de meio século, nunca se tinham preocupado com o desenvolvimento de empreendimentos de carácter linguístico, limitando-se a dominar rudimentos dos dialectos das diferentes regiões que frequentavam. Os habitantes de Macau, quando muito, aprenderiam cantonense suficiente para gerirem a sua vida quotidiana e os seus negócios com os chineses. O projecto de estudar de forma mais aprofundada a língua escrita e a cultura chinesa erudita vai partir de determinados sectores da Companhia de Jesus.

O primeiro jesuíta a alimentar a ideia de evangelizar a China tinha sido Francisco Xavier, que falecera na ilha de Sanchoão, em 1552, quando tentava conseguir autorização para entrar em território chinês e ali permanecer. A partir de então, o sonho da conquista espiritual da China começou a desenvolver-se paulatinamente nos meios jesuítas do Oriente, sem que, no entanto, grandes passos fossem dados para a sua concretização.<sup>31</sup> Quando o padre Francisco Pérez tentou conseguir autorização para permanecer em Cantão, em 1565, os mandarins cantonenses tinham-lhe perguntado se dominava a língua chinesa; perante a resposta negativa do jesuíta, o seu pedido tinha sido rotundamente indeferido.<sup>32</sup> Macau servia então essencialmente de base de apoio às missões jesuítas do Japão e a Companhia de Jesus apenas ali mantinha um pequeno contingente de religiosos, que se limitavam a exercer o seu ministério entre a comunidade portuguesa, sem conseguirem quaisquer resultados em relação à China.

A situação alterar-se-ia radicalmente a partir de 1577, com a chegada a Macau de Alessandro Valignano. O visitante jesuíta, com a sua apurada visão estratégica, desde logo se apercebeu que a entrada no Celeste Império apenas seria conseguida com uma mudança

radical nas formas de aproximação utilizadas. E logo escreveria numa das suas cartas que era “cosa muy acertada que algunos de los nuestros aprendiessen la lengua manderin”,<sup>33</sup> diligenciando para que o jesuíta Michele Ruggieri, que se encontrava na Índia, viesse para Macau e se dedicasse inteiramente ao estudo da língua chinesa escrita. Valignano, depois de analisar as notícias disponíveis sobre o mundo sínico, entendera que os missionários apenas conseguiriam entrada na China se iniciassem de imediato um processo de adaptação exterior à cultura chinesa, com a complementar aprendizagem da língua ‘mandarim’. Esta metodologia teria duas vantagens óbvias: por um lado, os religiosos poderiam granjear, a partir destas novas premissas, uma maior aceitação entre os chineses, povo desconfiado em extremo de tudo o que era novo e estrangeiro; por outro lado, poderiam dispor de competências linguísticas suficientes para transmitirem aos chineses todas as subtilidades conceptuais da religião católica, sem terem de recorrer à intervenção sempre incómoda de intérpretes. Entretanto, não é improvável que o plano de Valignano tivesse sido influenciado por notícias oriundas de Manila e chegadas a Macau, dando conta dos esforços que estavam a ser desenvolvidos pelos agostinhos espanhóis.

Michele Ruggieri, chegado a Macau em 1579, começou de imediato a estudar a língua chinesa escrita, com o auxílio de um letrado chinês que, depois de reprovar nos exames para “alcançar grao”, se tinha fixado em Macau.<sup>34</sup> O jesuíta italiano dava assim início ao ramo macaense da sinologia, que a breve trecho se viria a revelar particularmente fértil. Dois anos depois, de acordo com o testemunho de Pedro Gómez, um jesuíta espanhol que passou pela cidade, o italiano dedicava-se a tempo inteiro às “letras y lengua de la China”, dominando já uns doze mil caracteres. A fama dos seus estudos sinológicos, entretanto, começava a despertar interesse entre os mandarins de Cantão, sinal claro de que as intuições e as instruções de Valignano tinham sido acertadíssimas. Durante os meses em que permaneceu em Macau, entretanto, Gómez colaborou com Ruggieri na preparação de uma *Doutrina Christiana*.<sup>35</sup> Esta obra, que logo foi traduzida em “letra sínica”,<sup>36</sup> seria impressa em Macau em 1584, por processos xilográficos, com o título de *Tian zhu shilu* ou “Verdadeira exposição sobre o Senhor do Céu”. Dois exemplares ainda hoje se conservam em Roma.<sup>37</sup> Este seria, ao que tudo leva a crer, o primeiro livro em



Gravura 7 - *Tian zhu shilu* de Michele Ruggieri.  
1ª edição: Macau 1584 / impressão xilográfica.

caracteres chineses produzido por um europeu. Michele Ruggieri, decerto com o auxílio do seu amigo letrado, produziu vários outros textos religiosos em ideogramas chineses, todos de curta extensão, um decálogo, um confessionário e uma selecção de vidas de santos, o primeiro dos quais, pelo menos, foi também impresso por métodos xilográficos na povoação macaense.<sup>38</sup> Além disso, por volta de 1585 tinha já preparado um *Vocabulário latim-chinês*, que continha elementos necessários à compreensão pelos chineses da terminologia específica utilizada na doutrinação cristã. Um exemplar desta obra manuscrita conserva-se igualmente em Roma.<sup>39</sup>

A partir de 1582, Ruggieri passou a contar com a colaboração de Matteo Ricci, um outro jesuíta que também fora destacado para a missão da China. Assim, dois italianos, em Macau, são responsáveis pelo desenvolvimento dos primeiros estudos de língua chinesa escrita e pela publicação das primeiras obras europeias em ideogramas chineses. É evidente que

ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia

Ferrar casas	cuí pan	蓋板
Ferrado, refido	yeu li	有稟
Forada contra	ze pan sy'a	有板傷
Ferrar, esutar garbier	yum sin sid	用省世
Fortd cruta	chien cu	堅固
Fortalecer	ze an chien cu	作城堅固
Fortaleza	pin yn	作兵營 兵塞
Fouce, falsa	zan lien	草鑲鑲
Fugir	zeu	走
Fugidio	psi cus	走皆 国
Fugida de terra fugitima	tan zeu	逃走 火
Fagueiras	yen cus	烟火 盆
Fugareiro	cus pen	烟
Fumis	yen	烟筒
Fumeiro	yen cus	烟筒
Fumegar	sa'm yen	燒烟 日
Fundo de vato	ti	底
Funda contra profu'ta	sim	底深
Fundar casa	chi'cia' chio	起牆脚
Fundamento alicer	cia' chio	牆脚
Fundador	tan zu chi	當初起 初時起
Fundir, tender <del>manje</del>	man'chi'	有益有利
Fundir geralm'te	ciu	鑄
	de prate	傾銀
	chion yin	銀匠
Fundidor	de prate	鑄銅匠
	jin'cia'	
	chion'cia'	
Funil	leu	漏
Furo, permes	ciu' yen	錐眼

Gravura 8 - Silabário português-chinês de Michele Ruggieri, Matteo Ricci e outros. Manuscrito - Macau, 1588.

todos estes esforços de descodificação linguística estavam intimamente ligados ao projecto jesuíta de conquista espiritual da China. Contudo, podemos falar com alguma propriedade de sinologia, pois os trabalhos de Michele Ruggieri e de Matteo Ricci, ultrapassando os circunstancialismos regionais e as variedades dialectais, utilizavam a língua mandarim ou língua da administração, que era usada e compreendida em todo o Celeste Império, demonstrando claramente que procuravam atingir uma audiência mais vasta e mais culta. Uma das mais brilhantes produções sinológicas deste período é o *Silabário português-chinês*, preparado entre 1582 e 1588 por Ruggieri, Ricci e toda uma equipa de colaboradores chineses, da qual fariam parte certamente Bastião Fernandes e Francisco Martins,<sup>40</sup> chineses cristianizados de Macau. [N. do E. - Em 2001, Biblioteca Nacional (Lisboa), Instituto Português do Oriente e Ricci Institute (S. Francisco) editaram o *Dicionário Português-Chinês*, de Michele Ruggieri e Matteo Ricci, edição dirigida por John W. Witek, S. J., que contou com o patrocínio do Instituto Cultural, entre outros.] Esta obra pioneira, que continua muito mal estudada, inclui cerca de 3 mil vocábulos relacionados com as mais diversas áreas semânticas, mas com uma predominância de termos ligados à vida quotidiana macaense e ao normal relacionamento luso-chinês, a maioria dos quais inclui os correspondentes caracteres chineses, com a respectiva transcrição em mandarim.<sup>41</sup> Constituiria decerto um instrumento de iniciação à língua chinesa destinado predominantemente aos missionários jesuítas, mas também a outros habitantes europeus de Macau.

A natureza das traduções produzidas, entretanto, não era especialmente pacífica, pois sabe-se que poucos anos mais tarde, quando já dominava de forma mais apurada a língua chinesa, Matteo Ricci mandou destruir os exemplares ainda existentes da primeira doutrina impressa por Michele Ruggieri, alegando que demasiados erros haviam sido cometidos na respectiva tradução.<sup>42</sup> O que revela bem as dificuldades que a empresa sinológica jesuíta tinha de enfrentar, ao tentar traduzir para um público oriundo de um mundo cultural radicalmente exótico os fundamentos do pensamento católico. Mais do que traduções, os jesuítas tinham de fazer adaptações, num processo extremamente complexo, que muito facilmente podia gerar perigosos equívocos.

O que se passou foi que, aparentemente, tanto Michele Ruggieri como Matteo Ricci, nos seus primeiros contactos com o mundo sínico, atribuíram excessiva importância ao budismo chinês, circunstância que se veio a reflectir nas suas traduções. Em 1583 os jesuítas sediados em Macau foram finalmente autorizados pelas autoridades chinesas a abrir um estabelecimento no interior da província de Guangdong. O seu evidente interesse pelas coisas chinesas sensibilizara determinados mandarins, que encaravam com alguma curiosidade o facto inédito dos ‘bárbaros estrangeiros’ estudarem afincadamente a língua e a cultura chinesas. Ora, quando os jesuítas se instalaram em Zhaoqing, assumiram inicialmente o traje e a postura dos bonzos budistas.<sup>43</sup> Este facto é normalmente pouco focado pela historiografia jesuíta, mas é significativo que, durante mais de uma década, primeiro Michele Ruggieri e logo depois Matteo Ricci tenham insistido neste tipo de aproximação, apresentando-se como bonzos da religião do ‘senhor do Céu’. As suas primeiras obras de carácter sinológico, evidentemente, são produzidas neste contexto.<sup>44</sup>

Michelle Ruggieri, entretanto, regressou à Europa em 1588, em circunstâncias algo enigmáticas. Granjeou alguma reputação como sinólogo experiente, já que levava consigo cerca de duas dezenas de livros chineses impressos, que interpretava com a ajuda de um companheiro chinês, assim como exemplares das várias obras que sob a sua responsabilidade tinham sido compostas, e impressas, no sul da China.<sup>45</sup> Uma das suas traduções para chinês, o “Pai Nosso”, foi incluída na *Bibliotheca apostolica vaticana*, obra impressa em Roma em 1591, da autoria de Angelo Rocca, bibliotecário do Vaticano;<sup>46</sup> e uma das suas traduções de textos chineses, algumas linhas iniciais do *Da Xue* ou “Grande Ensino”, um dos quatro grandes clássicos confucianos, foi impressa em Roma em 1593, na obra *Bibliotheca selecta qua agitur de ratione studiorum*, do pedagogo jesuíta Antonio Possevino.<sup>47</sup> Aparentemente, Ruggieri alimentava a ambição de publicar em Roma traduções de alguns clássicos chineses preparadas no sul da China por ele próprio e por Matteo Ricci, com o auxílio indispensável de colaboradores chineses. Mas o projecto não foi em frente, pois, curiosamente, o próprio Alessandro Valignao exprimiu significativas dúvidas a respeito dos conhecimentos sinológicos de Ruggieri numa carta que em 1596 dirigiu aos responsáveis máximos da

## ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia



Gravura 9 - *Tratado del verdadero Dios y de la Iglesia* de Juan Cobo. 1ª edição: Manila - 1593 / impressão xilográfica.

Companhia de Jesus.<sup>48</sup> O papel de Ruggieri nos primórdios da sinologia europeia merecerá certamente um estudo mais atento.

## ENTRE MACAU E MANILA

Entretanto, valerá a pena regressar às Filipinas, onde, por estes anos, os estudos chineses conheciam um novo fôlego, graças às actividades de Juan Cobo. Este dominicano espanhol, com efeito, estava desde 1586 a ocupar-se da evangelização da comunidade chinesa de Manila, e para o efeito estudara afincadamente não só o dialecto falado pelos *sangleyes* como também a língua escrita chinesa de que chegou a dominar três mil caracteres.<sup>49</sup> Como resultado destas pesquisas linguísticas, uma obra de Cobo em caracteres chineses, intitulada *Tratado del verdadero Dios y de la Iglesia*, foi publicada em Manila em 1593, por métodos xilográficos.<sup>50</sup> O missionário partira no ano anterior para uma viagem ao Japão, da qual não regressaria,

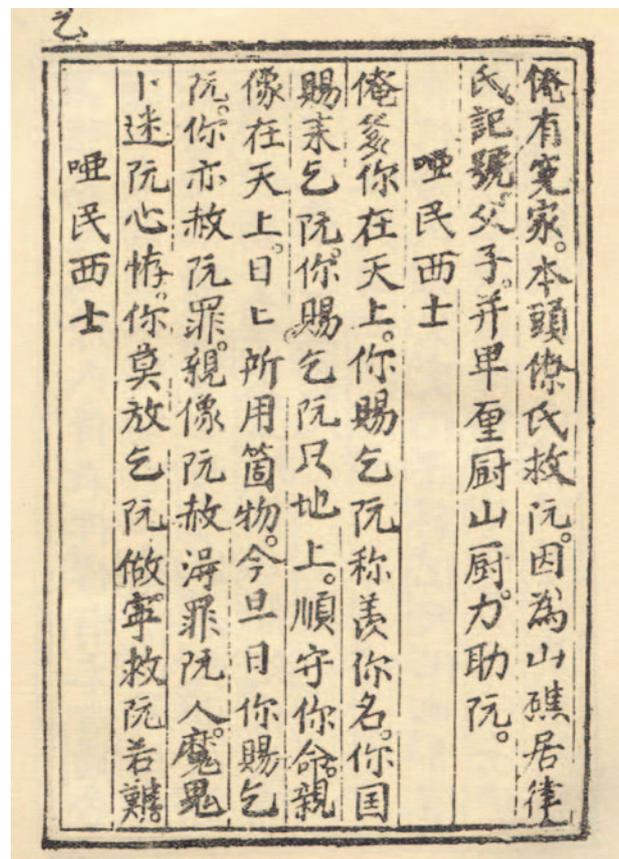
pois naufragou na Formosa.<sup>51</sup> Mas deixou manuscrita uma tradução de um livro chinês, a que deu o título de *Beng Sim Po Cam* ou “Espejo rico del claro corazón”. Esta obra, conhecida como *Mingxin baojian*, fora originalmente compilada por Fan Li-pen e constava de 673 aforismos extraídos de obras mais de cem autores chineses.<sup>52</sup> Ainda em 1593 era impressa em Manila, também por meio de blocos xilográficos, uma anónima *Doctrina Christiana en letras y lengua China*, que poderia ter contado com a colaboração de Juan Cobo.<sup>53</sup> É evidente que o religioso dominicano pôde dispor da ajuda de *sangleyes*, um dos quais seria um tal Juan Sami, que o acompanhou como intérprete na missão ao Japão.<sup>54</sup> A sinologia espanhola dava passos decisivos nas Filipinas, ultrapassando as iniciais limitações regionais. Mas sempre intimamente ligada às actividades missionárias.

Antes de concluir, será importante referir que para os lados da China meridional as coisas, do ponto de vista da sinologia, conheciam uma significativa evolução. Com efeito, em 1595 os missionários jesuítas procediam a radicais ajustamentos na sua estratégia de acomodação, que começa então a ser decididamente encabeçada por Matteo Ricci. Um relatório jesuíta oriundo de Macau testemunhava que os jesuítas da missão chinesa, por determinação de Alessandro Valignano, haviam abandonado o “nome dos bonzos”, tinham deixado crescer as barbas e passado a vestir-se como “os mandarins e letrados chinas”. Esta alteração era explicada pelo facto de se ter entretanto apurado que “os bonzos entre elles sam comumente ignorantissimos, e gente baixa, e de vida mui perdida”. Os jesuítas, estabelecendo analogias com os religiosos budistas, não conseguiam alcançar qualquer impacto significativo entre a classe dos letrados, o mais destacado agrupamento social chinês.<sup>55</sup> É difícil explicar por que motivo os religiosos da Companhia de Jesus demoraram mais de dez anos a entender que os bonzos chineses ocupavam uma posição social relativamente baixa e que qualquer assimilação com eles teria repercussões negativas nos seus projectos de conquista espiritual da China. No fim de contas, já vários observadores portugueses, entre eles religiosos jesuítas e não só, tinham notado anteriormente que os bonzos eram “aborrecidos e desestimados” pelos chineses e que qualquer tentativa de missão dirigida aos elementos mais humildes da população chinesa estaria irremediavelmente condenada ao fracasso.<sup>56</sup>



Gravura 10 - *Doctrina christiana en letras y lengua China*.  
1ª edição: Manila – 1593 / impressão xilográfica.

Contudo, graças a esta mudança fundamental na política de acomodação jesuíta, os missionários começaram a granjear algum sucesso entre os mandarins como ‘homens de letras’ ocidentais. As portas foram-se abrindo, e em 1601 já Matteo Ricci chegava a Pequim, onde a partir de então existiria uma residência jesuíta permanente, que chegou a deter algum ascendente sobre mandarins do mais elevado grau.<sup>57</sup> O grande catecismo de Ricci impresso em caracteres chineses em 1604, o *Tianzhu shiyi* ou “Verdadeiro significado do Senhor do Céu”, repleto de discussões filosóficas e de referências aos clássicos chineses, marca bem a mudança de estratégia dos jesuítas, que secundarizam as tentativas de missão popular para se concentrarem nas elites letradas de Pequim.<sup>58</sup> E marca também decisivos avanços na sinologia, pois os missionários da Companhia, e entre eles Ricci em primeiro lugar, começavam a interessar-se pela cultura erudita chinesa, procurando não só compreender os seus segredos, através do domínio da



Gravura 11 - Outra página de *Doctrina christiana en letras y lengua China*.

língua escrita, mas também iniciando a respectiva divulgação em línguas europeias.

## CONCLUSÃO

É tempo de concluir, lembrando as linhas mestras do complexo processo de construção da sinologia europeia, que teve lugar no sul da Europa e nos entrepostos portugueses e espanhóis da Ásia oriental ao longo do século XVI.

1. Partindo de um verdadeiro grau zero de informação, os portugueses, desde os primeiros anos do século XVI, através de contactos regulares com a China e com os chineses, reuniram um importante volume de notícias sobre o mundo sínico. Esta recolha sistemática, que culminou em 1570 com a publicação do trabalho de Gaspar da Cruz, processou-se sempre com a mediação linguística de intérpretes ou com um conhecimento rudimentar de algum dos dialectos falados nas províncias chinesas do sul. Os objectivos

## ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia

declaradamente mercantis que orientavam os contactos luso-chineses dispensavam um conhecimento mais aprofundado das realidades linguísticas e culturais do Celeste Império, mesmo depois da fundação de Macau.

2. O estabelecimento dos portugueses em Macau desencadeou em Espanha uma verdadeira corrida à Ásia Oriental, que culminará a breve prazo com a ocupação das Filipinas, entre 1565 e 1572, e com o desenvolvimento de importantes investigações de carácter sinológico por parte dos religiosos espanhóis, entre 1575 e 1585. Estes estudos, protagonizados por Bernardino de Escalante, Martín de Rada e Juan González de Mendoza, foram motivados quer pela existência de uma larga comunidade de chineses em Manila, quer pelas pretensões espanholas de ocupar posições significativas nos lucrativos negócios da China. Os espanhóis, contudo, produziram uma sinologia parcelar, ou regional, centrada no estudo do dialecto do Fujian falado pelos *sangleyes* de Manila. Mas tiveram o mérito de reunir a primeira biblioteca de obras chinesas que foi enviada para a Europa.

3. Talvez sob o impacto de notícias chegadas das Filipinas a respeito do desenvolvimento dos estudos chineses, os missionários da Companhia de Jesus, por volta de 1580, começaram a estudar a língua geral da China, procurando dominar o chinês escrito e entrando em contacto com a cultura erudita chinesa. Michele Ruggieri e Matteo Ricci foram os protagonistas desta avançada sinológica, na qual participaram também missionários portugueses, assim como chineses cristianizados de Macau. Trabalhos de relevo começaram a ser produzidos no colégio macaense e em outros estabelecimentos jesuítas na China, nomeadamente traduções para chinês de literatura religiosa europeia, traduções para línguas europeias de clássicos da literatura chinesa, e vocabulários ou dicionários de português-chinês e de latim-chinês. Mas os primeiros anos de adaptação jesuíta à realidade chinesa foram marcados por um enorme equívoco, pois os missionários estabeleceram analogias sobretudo com as práticas budistas, para mais tarde virem a descobrir que esse caminho lhes fechava irremediavelmente as portas de acesso aos grupos chineses letrados.

4. Nas Filipinas, entretanto, os dominicanos em breve seguiriam o exemplo dos jesuítas de Macau, quer estudando a língua escrita chinesa, quer tentando de forma persistente conseguir entrada na China. Destaque especial merece Juan Cobo, pelos seus conhecimentos de língua chinesa e pelas suas múltiplas produções sinológicas, sempre intimamente ligadas à evangelização da comunidade *sangleye* de Manila. Mas esta é uma história ainda mal conhecida, fruto sobretudo da maior visibilidade das fontes jesuítas e da maior militância da historiografia jesuíta, que tem relegado as restantes ordens religiosas para um segundo plano.<sup>59</sup>

5. Depois de 1595, os religiosos jesuítas descobriram finalmente que o caminho de acesso à China e à cultura erudita chinesa passava pela adopção de uma postura de homens de letras, estudiosos da palavra escrita, em estreito paralelo com as práticas culturais multisseculares dos letrados chineses. Assim, os missionários jesuítas, encabeçados por Matteo Ricci, seriam os grandes responsáveis pela construção de um conhecimento cada vez mais rigoroso da língua escrita e da cultura clássica chinesas. Eles foram os verdadeiros fundadores de uma sinologia europeia consistente e obstinada.<sup>60</sup> Nota importante, contudo, a sinologia jesuíta de forma alguma era uma disciplina desinteressada, já que estava intimamente ligada à estratégia de missionação definida para a China. Como escrevia em 1596 o padre Duarte de Sande, que fez também parte do grupo de primeiros sinólogos, “entre estas nacoins que sam tam apartadas das nossas, e tem leis e costumes tam diferentes he necessario entrar com a sua para sair com a nossa, acomodando-sse a ellas no que permite nossa Santa Fee, pera desta maneira lhe poder divulgar e ensinar nossa santa doutrina, a qual elles não receberião doutra maneira”.<sup>61</sup>

6. O que é certo é que a primeira sinologia europeia, em Manila tal como em Macau, é desenvolvida de forma quase exclusiva por homens de religião, não conseguindo desligar-se das actividades evangelizadoras. Os missionários latinos, nestes primeiros esforços sinológicos, parecem deter um protagonismo quase exclusivo, face ao total desinteresse dos poderes laicos português e espanhol, no estabelecimento de pontes culturais entre a Europa e a China. **RC**

## NOTAS

- 1 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Em Demanda do Oriente*, pp.9-23.
- 2 Para um tratamento mais amplo e documentado desta temática, vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, caps. 3 a 5.
- 3 Cf. descrição de Tomé Pires em Rui Manuel Loureiro, “Visões da China”, pp.20-25. Para uma edição recente da *Suma Oriental*, vd. Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa*, passim.
- 4 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cap. 17.
- 5 Estas descrições estão publicadas em *Enformação das cousas da China*, passim.
- 6 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*, pp.21-61. Vd. Mapa 1.
- 7 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, caps. 15 e 18.
- 8 *Epistolae S. Francisci Xaverii*, vol.2, p.292.
- 9 Rui Manuel Loureiro, *Cartas dos Cativos de Cantão*, p.96.
- 10 Cf. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, p.357, n.67 e p.460, n.51.
- 11 Para uma análise circunstanciada das obras destes cronistas, vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp.449-459 e 596-600.
- 12 Edição moderna: Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento*, passim.
- 13 João de Barros, *Ásia - Década 1*, liv.9, cap.1, p.337. Para uma tentativa de identificação da obra em questão, vd. Charles R. Boxer, “A note on the chronicler João de Barros”, p.84.
- 14 João de Barros, *Ásia - Década 1*, liv.9, cap.1, p.344.
- 15 Vd. Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.3, tm.3, p.513. Vd. Gravura 2.
- 16 Gaspar da Cruz, *Tratado das Coisas da China*, cap.17, p.187. Vd. Gravura 3.
- 17 Vd. Isacio Rodríguez Rodríguez & Jesús Álvarez Fernández, *Andrés de Urdaneta*, pp.189-231.
- 18 Vd. William Lytle Schurtz, *El galeón de Manila*, pp.55-89. Vd. Mapa 2.
- 19 Este documento está publicado em Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*, pp.193-202.
- 20 A carta de Barbuda foi impressa pela primeira vez in Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum* (Antuérpia, 1584). Para a respectiva análise, vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp.660-663. Vd. Gravura 1.
- 21 Bernardino de Escalante, *Discurso de la navegación*, caps.6-16.
- 22 Bernardino de Escalante, *Discurso de la navegación*, fl.62v. Vd. Gravura 4. Uma anterior edição de cartas jesuítas incluía já caracteres chineses desenhados pelo padre Baltasar Gago no Japão (cf. *Cartas que os Padres*, fl.clxxxi. Os caracteres chineses incluídos na obra de Escalante apareceriam pouco depois no verso da carta da China de Luís Jorge de Barbuda publicada por Ortelius em 1584 (cf. supra, nota 20).
- 23 Este termo, que era utilizado para designar os chineses ultramarinos estabelecidos nas Filipinas, parece derivar de ‘seng li’, ou ‘comércio’, no dialecto falado em Xiamen, no Fujian (William Lytle Schurtz, *El galeón de Manila*, p.93). Vd. Gravura 5.
- 24 Rui Manuel Loureiro, “Visões da China”, pp.112-113. Cf. Anexo 1. Donald F. Lach tenta identificar alguns dos possíveis títulos trazidos da China por Martín de Rada (*Asia in the Making of Europe*, vol.1, pp.779-780).
- 25 Vd. Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.1, pp.779-780.
- 26 A relação de Rada foi publicada em tradução inglesa por Charles R. Boxer, *South China in the Sixteenth Century*, pp.243-310 (citação na p.261 [traduzo do inglês]). O manuscrito conserva-se na Biblioteca Nacional de Paris.
- 27 Pascale Girard, *Os Religiosos Ocidentais na China*, p.274. Os manuscritos conservam-se na British Library.
- 28 Vd. Pascale Girard, *Os Religiosos Ocidentais na China*, pp.262-277.
- 29 Vd. Carlos Sanz, *Primitivas relaciones*, pp.386-397. Edição moderna: Juan González de Mendoza, *Historia del Gran Reyno de la China*, passim.
- 30 A obra de González de Mendoza é analisada por Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.1, pp.742-794, onde são identificadas as suas principais fontes. Vd. Gravura 6.
- 31 Vd. Rui Manuel Loureiro, “Origens do Projecto Jesuíta”, pp.131-150.
- 32 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*, pp.38-42.
- 33 *Documentação - Índia*, vol.12, p.524.
- 34 *Monumenta Historica Japoniae*, vol.1, p.386.
- 35 *Monumenta Historica Japoniae*, vol.1, pp.116-117.
- 36 *Monumenta Historica Japoniae*, vol.1, p.386.
- 37 Pascale Girard, *Os Religiosos Ocidentais na China*, p.278. Vd. Gravura 7.
- 38 Henri Bernard, “Les adaptations chinoises”, p.313.
- 39 Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.2, liv.3, pp.496-497.
- 40 *Monumenta Historica Japoniae*, vol.1, p.286.
- 41 Vd. Luís Filipe Barreto, “A dinâmica cultural de Macau”, pp.52-56. Vd. Gravura 8.
- 42 Pascale Girard, *Os Religiosos Ocidentais na China*, p.278.
- 43 Sobre os primórdios da missão jesuíta na China, vd. Jonathan D. Spence, *O Palácio da Memória*, passim.
- 44 Vd. Jacques Gernet, *China and the Christian Impact*, passim.
- 45 Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.2, tm.3, pp.496-497.
- 46 Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.2, tm.3, p.494.
- 47 Cf., a propósito, Knud Lundbaek, “The First European Translation”, pp.36-37.
- 48 Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.2, tm.3, p.528.
- 49 Diego Aduarte, *Historia de la Provincia del Santo Rosario*, pp.217-223.
- 50 Carlos Sanz publicou um fac-símile desta obra em *Primitivas relaciones*, 487-524. Vd. Gravura 9.
- 51 Juan Gil, *Hidalgos y samurais*, p.43-45.
- 52 Vd. Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol.1, pp.805-806. Esta obra (a que não tive acesso) foi publicada por Carlos Sanz em Madrid em 1959 (Juan Cobo, *Beng Sim Po Cam o espejo rico del claro corazón - Primer libro chino traducido en lengua castellana*).
- 53 Esta obra foi publicada em fac-símile por Carlos Sanz, *Primitivas relaciones*, pp.400-464. Vd. Gravura 10 e Gravura 11.
- 54 Juan Gil, *Hidalgos y samurais*, p.43-45.
- 55 *Cartas Anuas*, p.75.
- 56 Gaspar da Cruz, *Tratado das Coisas da China*, cap.10, p.141. Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp.524-527.
- 57 Vd. Jonathan D. Spence, “Matteo Ricci and the Ascent to Peking”, pp.3-18.
- 58 Cf. Matteo Ricci, *The True Meaning of the Lord of Heaven*, passim.
- 59 Vd. Pascale Girard, *Os Religiosos Ocidentais na China*, passim.
- 60 Vd. David E. Mungello, *Curious Land*, passim.
- 61 *Cartas Anuas*, p.75.

## ENCONTRO DE CULTURAS / Sinologia

## ANEXO Lista de livros chineses adquiridos na China por Martín de Rada em 1575

- 1) Da descrição de todo o reino da China, e em que parte está cada uma das quinze províncias; a largura e o comprimento de cada uma delas; os reinos com que confinam.
- 2) Dos tributos e rendas do rei, e da ordem do seu palácio real, e dos salários ordinários que dá; com os nomes de todos os oficiais de sua casa, e até onde se estende o poder de cada um deles.
- 3) Dos tributários que tem cada província, [com] o número dos que estão livres de pagar tributo; e as épocas e a ordem em que se devem cobrar.
- 4) Para fazer navios de muitas maneiras, e de como se há-de navegar, com as alturas dos portos e a qualidade de cada um em particular.
- 5) Do tempo e da antiguidade do reino da China, e do princípio do mundo e em que tempo e quem o começou.
- 6) Dos reis que teve o reino e como se sucederam nele, e de que maneira e modo governaram, com a vida e costumes de cada um deles.
- 7) Das cerimónias com que hão-de oferecer sacrifícios aos ídolos que eles têm por deuses, e os nomes de cada um deles e o princípio que tiveram, e as épocas em que se hão-de fazer tais sacrifícios.
- 8) Do que pensam sobre a imortalidade da alma, do céu e do inferno, e do modo de sepultar os defuntos e das exéquias que por eles se hão-de fazer, com os lutos que cada um é obrigado a trazer, segundo o parentesco que com o defunto tinha.
- 9) Das leis que tem o reino, e em que épocas e por quem foram feitas, e as penas que pela sua quebra se hão-de dar, com outras muitas coisas tocantes ao bom governo.
- 10) Muitos livros de ervas medicinais, e como se hão-de aplicar para que aproveitem e curem as enfermidades.
- 11) Outros muitos [livros] de medicina, de autores daquele reino, antigos e modernos, com a ordem que os enfermos hão-de ter para se curarem das enfermidades e para evitarem sofrer delas.
- 12) Das propriedades de pedras e metais, e de coisas naturais que têm em si alguma virtude, e de como as pérolas, o ouro, a prata e os demais metais podem servir à vida humana, comparando entre uns e outros a utilidade de cada qual.
- 13) Do movimento dos céus e do seu número; dos planetas e estrelas, e dos seus efeitos e influências particulares.
- 14) De todos os reinos e nações de que têm notícia, e das coisas particulares que de cada um se sabem.
- 15) Das vidas que tiveram os homens a quem eles têm por santos, e onde passaram suas vidas, e onde morreram e estão enterrados.
- 16) De como se hão-de jogar as damas e o xadrez, e de como hão-de fazer jogos de mãos e marionetas.
- 17) Da música e cantares, com os nomes dos inventores.
- 18) Da matemática e das contas, e das regras para a saber bem.
- 19) Dos efeitos que faz uma criatura no ventre da mãe, e de como está cada mês e se sustenta, e quais são os bons ou maus tempos para o seu nascimento.
- 20) Da arquitectura, e para todas as maneiras de fabricar; com a largura e comprimento que um edifício há-de levar para ter proporção.
- 21) Das propriedades da boa ou má terra, e dos sinais para a conhecer; e que coisas [se devem] cultivar em cada uma.
- 22) Da astrologia natural e judiciária, e das regras para a aprender; e como levantar figuras para fazer adivinhação.
- 23) Da quiromancia e fisiognomia e outros sinais, e do que cada uma significa.
- 24) Do estilo de escrever cartas, e dos títulos que se hão-de dar a cada um, segundo a dignidade ou qualidade de sua pessoa.
- 25) De como se hão-de criar os cavalos, e para os ensinar a correr e a caminhar.
- 26) Para adivinhar por sonhos e deitar sortes, quando começam alguma jornada ou fazem alguma obra cujo fim é duvidoso.
- 27) Dos trajes de todos os do reino, começando pelo rei e pelas insígnias dos que governam.
- 28) Para fazer armas e instrumentos de guerra, e para saber formar esquadrões.  
In Juan González de Mendoza, *Historia del Gran Reino de la China*, pt.1, liv.3, cap.17.

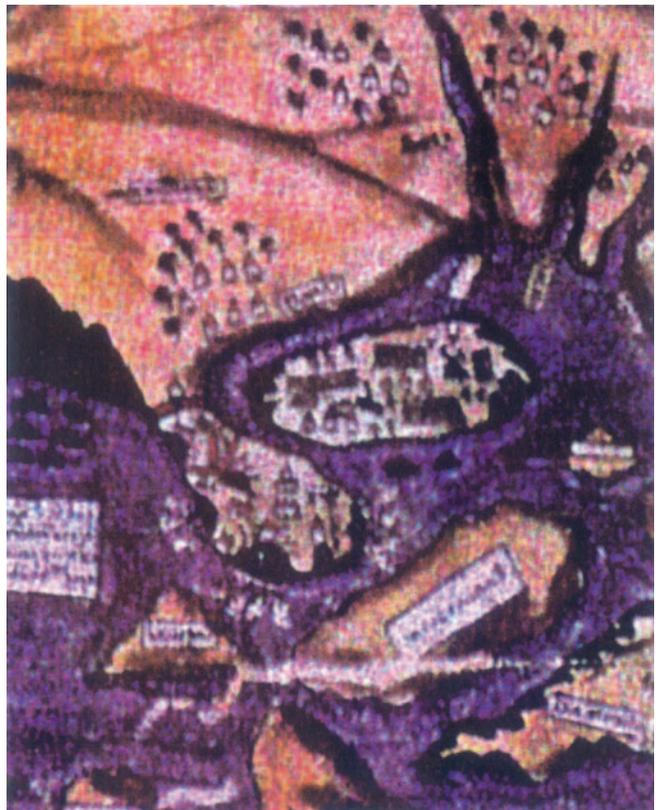
## BIBLIOGRAFIA

- Aduarte, Diego - *Historia de la Provincia del Santo Rosario de la orden de los Predicadores en Filipina, Japón y China*. Edição de Manuel Ferrero. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.
- Barreto, Luís Filipe - "A dinâmica cultural de Macau, c.1560-c.1660". *Macau* (Macau), sér.2, n.58, 1997, pp.42-56.
- Barros, João de - *Ásia - Década I*. Edição de António Baião. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.
- Bernard, Henri - "Les adaptations chinoises d'ouvrages européens". *Monumenta Serica* (Pequim), vol.10, 1945, pp.1-55 & 309-388.
- Boxer, Charles R. - *South China in the Sixteenth Century*. Londres: Hakluyt Society, 1963.
- Boxer, Charles R. - "A Note on the Chronicler João de Barros and his Interest in Ming China". In *Studies in Portuguese Literature and History in Honour of Luis de Sousa Rebelo*. Edição de Helder Macedo. Londres: Tamesis Books, 1992, pp. 83-87.
- Cartas Ánuas do Colégio de Macau (1594-1627)*. Edição de João Paulo Oliveira e Costa & Ana Fernandes Pinto. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses & Fundação Macau, 1999.
- Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que andão nos Reynos de Iapão escreverão aos da mesma Companhia*. Coimbra: António de Mariz, 1570.
- Castanheda, Fernão Lopes de - *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. 2 vols. Porto: Lello & Irmão, 1979.
- Cruz, Gaspar da - *Tratado das Coisas da China*. Edição de Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Edições Cotovia, 1997.
- Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente - Índia*. Edição de António da Silva Rego. 12 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1947-1958.
- Enformação das Cousas da China - Textos do Século XVI*. Edição de Raffaella d'Intino. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- Epistolae S. Francisii Xavierii*. Edição de Georg Shurhammer & Josef Wicki. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1944-1945.
- Escalante, Bernardino de - *Discurso de la navegacion que los Portugueses hazen à los Reinos y Provincias del Oriente, y de la noticia que se tiene de las grandezas de Reino de la China (Sevilha, 1577)*. Edição de Maria de Lourdes Díaz-Trechuelo. Salamanca: Universidade Cantabria & Ayuntamiento de Laredo, 1991.
- Gernet, Jacques - *China and the Christian Impact - A Conflict of Cultures*. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1990.
- Gil, Juan - *Hidalgos y samurais - España y Japón en los siglos XVI y XVII*. Madrid: Alianza, 1991.

## CULTURAL ENCOUNTER / Sinology

- Girard, Pascale - *Os Religiosos Ocidentais na China na Época Moderna*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Fundação Macau & Instituto Politécnico de Macau, 1999.
- González de Mendoza, Juan - *Historia del Gran Reino de la China*. Edição de Ramón Alba. Madrid: Miraguano Ediciones & Ediciones Polifemo, 1990.
- Lach, Donald F. - *Asia in the Making of Europe - The Century of Discovery*. vol.1, 2 tms. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- Lach, Donald F. - *Asia in the Making of Europe*. vol.2, 3 tms. Chicago: The University of Chicago Press, 1970-1977.
- Loureiro, Rui Manuel - *Cartas dos Cativos de Cantão: Cristóvão Vieira e Vasco Calvo (1524?)*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992.
- Loureiro, Rui Manuel - *O Manuscrito de Lisboa da "Suma Oriental" de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996.
- Loureiro, Rui Manuel - *Em Busca das Origens de Macau*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1997.
- Loureiro, Rui Manuel - "Visões da China na Literatura Ibérica - Antologia Documental", *Revista de Cultura* (Macau), n.31, 1997, pp.9-211.
- Loureiro, Rui Manuel - *Em Demanda do Oriente - Viagens e Notícias Quatrocentistas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998.
- Loureiro, Rui Manuel - *Fidalgos, Missionários e Mandarins - Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.
- Loureiro, Rui Manuel - "Origens do Projecto Jesuíta de Conquista Espiritual da China (1549-1552)". In *Portugal e a China - Conferências do III Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*. Coordenação de Jorge dos Santos Alves. Lisboa: Fundação Oriente, 2000, pp.131-150.
- Lundbaek, Knud - "The First European Translations of Chinese Historical and Philosophical Works". In *China and Europe - Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*. Edição de Thomas H.C. Lee. Hong Kong: The Chinese University Press, 1991, pp.29-43.
- Monumenta Historica Japoniae*. Edição de Josef Franz Schütte. 1 vol. pub. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1975.
- Mungello, David E. - *Curious Land - Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*. Honolulu: The University of Hawaii Press, 1989.
- Ricci, Matteo - *The True Meaning of the Lord of Heaven (T'ien-chu Shih-i)*. Edição de Douglas Lancashire, Peter Hu Kuo-chen & Edward J. Malatesta. Taipé: Institut Ricci, 1985.
- Rodríguez Rodríguez, Isacio & Álvarez Fernández, Jesús - *Andrés de Urdañeta, Agustino*. Valladolid: Estudio Augustino, 1992.
- Sanz, Carlos - *Primitivas relaciones de España con Asia y Oceanía*. Madrid: Librería General Victoriano Suarez, 1958.
- Schurtz, William Lytle - *El galeón de Manila*. Edição de Leoncio Cabrera & Pedro Ortiz Armengol. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1992.
- Spence, Jonathan D. - *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.
- Spence, Jonathan D. - "Matteo Ricci and the Ascent to Peking". In *East Meets West - The Jesuits in China, 1582-1773*. Edição de Charels E. Ronan & Bonnie B.C. Oh. Chicago: Loyola University Press, 1988, p.318.





RC poster: "Topographical map of the region of Macao and Canton, by Jorge Pinto de Azevedo, 1646," in the Biblioteca da Ajuda, appended to Ms. 54-XI-21 . This map was thoroughly examined and first published by Rui d'Avila Lourido in his article "A Portuguese Seventeenth-Century Map of the South China Coast," in *Santa Barbara Portuguese Studies*, edited by the Center for Portuguese Studies, University of California, Santa Barbara, vol. 1, 1994, pp. 240-271. The above is a detail of this map showing Macao.